



A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

Letícia Mayra Fressatti
Graduada em Letras – Uni-FACEF
leticiafressatti30@gmail.com

Michele Rocha Silva
Graduada em Letras – Uni-FACEF
michelesilva8946@gmail.com

Maria Eloísa de Souza Ivan
Doutora em Estudos Literários – Uni-FACEF
meloisaivan@gmail.com

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso tem por finalidade apresentar uma leitura e análise interpretativa do romance *Quincas Borba* (1891), do autor Machado de Assis. O objetivo da pesquisa é verificar, por meio de uma leitura interpretativa, os efeitos de sentido criados pelo discurso machadiano na obra acima referenciada, evidenciando-se a construção do triângulo Rubião, Sofia, Cristiano Palha, personagens que estruturam e dão vida ao enredo, materializando um discurso que não apenas mostra a crítica social contida na obra por meio da teoria do Humanitismo, como também revela o limite tênue entre razão e sandice. A partir da construção dessas três personagens, enfatiza-se o tema central da obra: a reificação, ou a transformação do homem em objeto do próprio homem, a coisificação da condição humana, materializado em um discurso irônico e provocativo, que se estende para o outro tema: a representação da loucura, abordados no contexto da produção machadiana. Para além desse propósito, apresenta-se, ainda, uma contextualização acerca da vida e obra do autor, bem como do período literário em que ele se insere, o Realismo, bem como seu fazer literário. A fim de alcançar o que foi proposto, adotou-se como procedimento metodológico, uma pesquisa de abordagem bibliográfica, que está fundamentada em leituras de textos teóricos ou ensaísticos de autores como Bosi (2004), Candido e Castello (2005) Candido (1977), Facioli (1982), Melo e Souza (2006), Riedel (1982), Sá (1989) e Teixeira (1988) que auxiliaram tanto na contextualização do autor dentro da Literatura Brasileira, quanto ao movimento literário e entendimento do seu fazer literário. Os apontamentos de Brait (2004), Candido (2004) e Gancho (2003) foram utilizados para falar da construção da personagem no romance; outras fontes também foram utilizadas na medida em que iluminaram a proposta da pesquisa. Assim, por meio de uma leitura interpretativa, objetiva-se uma análise textual, em que se verificam os efeitos de sentido criados pelo discurso machadiano na obra acima referenciada, evidenciando-se o tema da reificação, materializado na teoria do Humanitismo, bem como a representação da loucura, abordados no contexto da produção machadiana. Para tanto, será utilizado o método dedutivo, posto que se parte de noções gerais para se chegar a resultados específicos. Dessa

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis forma, acredita-se na relevância desta pesquisa para os estudos acadêmicos, sobretudo por ampliar as discussões em torno do tema proposto na obra aqui destacada, vez que materializa a condição humana, em um discurso atemporal, universal, que coloca o autor Machado de Assis como o clássico dos clássicos da Literatura Brasileira.

Palavras-chave: Machado de Assis. *Quincas Borba*. Personagem. Reificação. Realismo.

Abstract

This course conclusion paper aims to present an interpretative reading and analysis of the novel *Quincas Borba* (1891), by the author Machado de Assis. The objective of the research is to verify, through an interpretative reading, the effects of meaning created by Machado's discourse in the work referred to above, evidencing the construction of the Rubião, Sofia, Cristiano Palha triangle, characters that structure and give life to the plot, materializing a discourse that not only shows the social criticism contained in the work through the theory of Humanitism, but also reveals the fine line between reason and silliness. From the construction of these three characters, the central theme of the work is emphasized: reification, or the transformation of man into the object of man himself, the reification of the human condition, materialized in an ironic and provocative discourse, which extends to the other theme: the representation of madness, addressed in the context of Machado's production. there is also a contextualization about the author's life and work, as well as the literary period in which he is inserted, Realism, as well as his literary practice. In order to achieve what was proposed, a bibliographic research was adopted as a methodological procedure, which is based on readings of theoretical or essay texts by authors such as Bosi (2004), Candido and Castello (2005) Candido (1977) , Facioli (1982), Melo e Souza (2006), Riedel (1982), Sá (1989) and Teixeira (1988) who helped both in the contextualization of the author within Brazilian Literature, as well as in the literary movement and understanding of his literary practice. The notes of Brait (2004), Candido (2004) and Gancho (2003) were used to talk about the construction of the character in the novel; other sources were also used as they illuminated the research proposal. Thus, through an interpretative reading, a textual analysis is aimed at, in which the effects of meaning created by Machado's discourse in the work referred to above are verified, highlighting the theme of reification, materialized in the theory of Humanitism, as well as the representation madness, approached in the context of Machado's production. For this, the deductive method will be used, since it starts from general notions to arrive at specific results. In this way, we believe the relevance of this research to academic studies, above all by broadening the discussions around the theme proposed in the work highlighted here, since it materializes the human condition, in a timeless, universal discourse, which places the author Machado de Assis as the classic of the classics of Brazilian Literature.

Keywords: Machado de Assis. *Quincas Borba*. Character. Reification. Realism.

Submissão: 22/10/2020 **Aprovação:** 09/11/2020.



1 Introdução

Esta pesquisa traz como tema a Literatura Brasileira, destacando-se o autor Machado de Assis. Joaquim Maria Machado de Assis, ou simplesmente Machado de Assis, nasceu no dia 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, cidade do Rio de Janeiro. Primogênito de família humilde, o autor era filho de Francisco José de Assis – mulato, filho de escravos que ganharam a liberdade –, e da açoriana Maria Leopoldina Machado. Dizendo assim, parece que o autor teve uma vida sofrida, cheia de percalços e sofrimentos; contudo, a esse respeito, o crítico Antonio Candido (1977) destaca que os estudos acerca de Machado de Assis nunca deixaram de inventariar e realçar as causas eventuais de tormento, social e individual: cor escura, origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa.

Mas, ainda segundo o ensaísta, na verdade, os seus sofrimentos parecem não ter excedido ao de toda gente, nem a sua vida foi particularmente árdua. Candido (1977) acrescenta que se analisarmos a carreira intelectual de Machado de Assis, verificaremos que foi admirado e apoiado desde cedo, e que aos cinquenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de uma reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele.

Teixeira (1988) ratifica o que está acima, dizendo que Machado de Assis não é apenas o escritor mais importante da literatura brasileira como é, possivelmente, o espírito mais lúcido de toda nossa cultura. Criou, entre nós, o método universalizante de composição artística, que consiste em interpretar a condição humana a partir da observação das pessoas do próprio tempo. Soube, como nenhum outro artista brasileiro, extrair das coisas mínimas de seu tempo conclusões máximas sobre a humanidade, sem deixar de fornecer uma visão específica da sociedade em que viveu (TEIXEIRA, 1988, p. 1). Machado foi um dissecador de almas, devassador de intimidades e um homem genial, que revela, por meio de sua arte, uma grande inquietação espiritual, que o eleva não apenas à condição de artista à frente de seu tempo, mas de universal, atemporal.

A leitura do texto machadiano conduz o leitor à reflexão, ao estranhamento, ao incômodo necessário provocado pela arte, e a desejar mais, muito mais. Conhecer a escrita desse autor é permanecer com a sensação de que sempre há mais do que está na linha e de que é preciso debruçar-se sobre o texto, para que possamos estabelecer uma relação de enfrentamento diante dele.

Assim, ler ou reler Machado de Assis é sempre ler como se fosse a primeira vez, pois a sua condição de clássico atualiza o seu discurso a cada novo encontro com a obra e, entre tantas outras, essa foi a razão primeira pela qual escolhemos a obra deste escritor para compor o corpus de nossa pesquisa de TCC, mesmo sabendo que estávamos trilhando por um caminho bastante árduo, já que tanto se disse sobre o artista. Contudo, o que nos motivou a continuar nossa caminhada foi acreditar que o encantamento despertado em nós pode produzir novos olhares, outros sentidos, confirmando a relevância desta pesquisa.

Conforme Teixeira (1988), Machado de Assis escreveu, ininterruptamente, dos quinze aos sessenta e nove anos de idade e é apontado por muitos críticos, como sendo não só um grande romancista, mas também um excelente contista. Conforme já dito, os contos e romances produzidos pelo artista elevaram a literatura brasileira a um nível nunca antes visto. E, conforme sua obra

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis foi sendo traduzida para as línguas cultas, sua fama cresceu e hoje o autor figura entre os maiores artistas do século XIX ao lado de contemporâneos como Zola, Maupassant, Eça de Queirós e outros.

Machado de Assis teve publicados os diversos gêneros produzidos: crônica, poesia, teatro, tradução, crítica, ensaio, coletâneas de contos e romances. Em relação a essa produção, a crítica divide a obra do autor em duas etapas bastante diferentes, embora reconheça que uma seja complemento da outra: fase de aprendizagem e fase da maturidade. A obra que marca essa maturidade e conquista definitiva da forma e espírito próprios de Machado de Assis são as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicadas em 1881. Completam os romances da maturidade *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

Dentre as várias produções do artista, escolhemos, como corpus dessa pesquisa, o romance *Quincas Borba*, publicado em 1891, pertencente, portanto, à fase da maturidade de Machado de Assis.

A escolha do romance se deu pelo incômodo causado desde a leitura de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que é citado, pela primeira vez, o personagem Quincas Borba e a sua teoria do Humanitismo. Instigadas e provocadas pelo desejo de conhecer mais detidamente esta teoria e seu “autor”, decidimos pela obra acima referenciada, que materializa em seu discurso o tema da reificação, ou da coisificação do homem, que se vê como objeto do próprio homem.

Assim, partindo do exposto acima, propomos, como objetivo dessa pesquisa, apresentar uma leitura e análise interpretativa do romance *Quincas Borba* (1891), do autor Machado de Assis. O objetivo da pesquisa é verificar, por meio de uma leitura interpretativa, os efeitos de sentido criados pelo discurso machadiano na obra acima referenciada, evidenciando-se a construção do triângulo Rubião, Sofia, Cristiano Palha, personagens que estruturam e dão vida ao enredo, materializando um discurso que não apenas mostra a crítica social contida na obra por meio da teoria do Humanitismo, como também revela o limite tênue entre razão e sandice.

A partir da construção dessas três personagens, enfatiza-se o tema central da obra: a reificação, ou a transformação do homem em objeto do próprio homem, a coisificação da condição humana, materializado em um discurso irônico e provocativo, que se estende para o outro tema: a representação da loucura, abordados no contexto da produção machadiana. Para além desse propósito, apresenta-se, ainda, uma contextualização acerca da vida e obra do autor, bem como do período literário em que ele se insere, o Realismo, e seu fazer literário.

Desse modo, levando-se em conta que toda pesquisa apresenta questionamentos os quais se propõe a responder, nossa pesquisa se orienta pelas seguintes indagações: a) como se constitui o discurso realista/naturalista no contexto da Literatura brasileira e de que maneira a escrita machadiana se materializa nesse contexto? b) como se materializa a crítica social proposta por Machado de Assis em sua teoria do Humanitismo? c) Quais os mecanismos de construção da poética machadiana, mais especificamente na obra acima referenciada e de que modo o tema da loucura, assim como a crítica social, a reificação, se configuram no discurso do autor? d) quais os efeitos de sentido revelados pelo discurso machadiano em *Quincas Borba* (1891), enfatizando-se a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha, como elementos



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

estruturantes e condutores dessa narrativa, materializando um discurso que não apenas mostra a crítica social contida na obra por meio da teoria do Humanitismo, como também revela o limite tênue entre razão e sandice?

A fim de alcançar o que foi aqui proposto, adotamos como procedimento metodológico, uma pesquisa de abordagem bibliográfica, que está fundamentada em leituras de textos teóricos ou ensaísticos de autores como Bosi (2004), Candido e Castello (2005) Candido (1977), Facioli (1982), Melo e Souza (2006), Riedel (1982), Sá (1989) e Teixeira (1988) que auxiliaram tanto na contextualização do autor dentro da Literatura Brasileira, quanto ao movimento literário e entendimento do seu fazer literário. Os apontamentos de Brait (2004), Candido (2004) e Gancho (2003) sustentaram nossas reflexões acerca da construção da personagem no romance; outras fontes também foram utilizadas na medida em que iluminaram a proposta da pesquisa.

Assim, por meio de uma leitura interpretativa, objetiva-se uma análise textual, em que se verificam os efeitos de sentido criados pelo discurso machadiano na obra acima referenciada, evidenciando-se o tema da reificação, materializado na teoria do Humanitismo, bem como a representação da loucura, abordados no contexto da produção machadiana. Para tanto, será utilizado o método dedutivo, posto que se parte de noções gerais para se chegar a resultados específicos. Dessa forma, acredita-se na relevância desta pesquisa para os estudos acadêmicos, sobretudo por ampliar as discussões em torno do tema proposto na obra aqui destacada, vez que materializa a condição humana, em um discurso atemporal, universal, que coloca o autor Machado de Assis como o clássico dos clássicos da Literatura Brasileira.

2 O Realismo/Naturalismo brasileiro: Machado de Assis e seu tempo

Enquanto uma chora, outra ri; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. Tudo chorando seria monótono, tudo rindo cansativo, mas uma boa distribuição de lágrimas e polcas, soluços e sarabandas, acaba por trazer à alma do mundo a variedade necessária, e faz-se o equilíbrio da vida.

Machado de Assis

2.1 Contexto estético-social de Machado de Assis: do Romantismo ao Realismo

O século XIX marca um período de mudanças significativas no cenário brasileiro. Influenciado por outras culturas, ideias e novos interesses políticos e econômicos, antes não admitidos, o Brasil, assim como a Europa, vivia um momento bastante conturbado. O cientificismo, o positivismo e as teorias sociais vindas da Europa, juntamente com o abolicionismo, a Guerra do Paraguai, a assinatura da Lei Áurea, a substituição da mão de obra escrava pela assalariada, principalmente dos

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis imigrantes que chegavam ao Brasil, o ideal republicano e a crise da monarquia caracterizavam a segunda metade do século XIX, promovendo o declínio do Romantismo no Brasil.

Assim, na arte, as concepções estéticas que norteavam o ideário romântico começam a perder espaço, a linguagem romântica se esgota e não dá conta dessas novas condições, era preciso renovar e uma nova tendência, baseada na trama psicológica e em personagens inspirados na realidade, toma conta da literatura brasileira, inaugurando o Realismo, escola literária de grande influência nas artes ocidentais no final do século XIX. Ciência, progresso e razão passam a ser as palavras de ordem da classe dominante. A paixão e o impulso pessoal cedem lugar à reflexão, à observação, à análise e à disciplina.

O movimento cultural recebeu esse nome porque a literatura, a pintura e a escultura engajam-se ao compromisso da verossimilhança e a proposta de retratar a realidade tal como ela era. Em contraposição ao Romantismo, o Realismo aponta para a representação da realidade; os artistas dão preferência à temática dos conflitos sociais que surgiam em decorrência da mudança de paradigma em andamento. Enquanto os românticos privilegiam como temas a idealização da mulher, do amor e do herói e a exaltação da natureza como escape da alma, os realistas retratam a mulher adúltera, o amor corrompido, o egoísmo, o fracasso social, o jogo de interesses, o cenário urbano e as condições miseráveis da vida humana na época.

Didática e cronologicamente, o Realismo tem início na Literatura brasileira com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, prevalecendo, nesta estética, a prosa, principalmente o romance e o conto. A linguagem culta, objetiva, com o mínimo de interferências pessoais, descritiva, busca retratar os fatos de maneira precisa, pormenorizada. Os acontecimentos da ordem da interioridade do sujeito também são descritos, tendo a abordagem psicológica como característica elementar, detalhando valores e pensamentos das personagens, sendo recorrente também o uso da ironia como recurso retórico, principalmente expondo as hipocrisias morais vigentes.

Um dos desdobramentos do movimento realista foi o surgimento de outra corrente literária: o Naturalismo ou Realismo-Naturalista. Nessa vertente, o homem é entendido como um objeto que deve ser estudado cientificamente, um animal cujo destino é estabelecido pelos parâmetros da hereditariedade, do meio e do momento em que vive; aspectos que podem ser observados em obras como: *O mulato* (1881) e *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Embora possua semelhanças com as obras realistas, o naturalismo enfatiza as propensões animais da humanidade, preferindo uma abordagem patológica: é a descrição dos instintos, das taras sexuais, da agressividade, da natureza animal das personagens. As obras naturalistas reverberam as ideias do determinismo, teoria filosófica que postula que os acontecimentos se dão por relações de causalidade, isto é, independem do livre-arbítrio humano, e do evolucionismo de Darwin, que entende que a seleção natural é o princípio da evolução das espécies. O autor ausenta-se da narrativa, assumindo uma posição neutra, imparcial. Busca-se uma explicação lógica e cientificamente aceitável para o comportamento e para as ações das personagens. Enquanto Machado de Assis apresenta suas personagens em uma abordagem psicológica,



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

que materializa as contradições da condição humana, Aluísio Azevedo as destaca em uma abordagem patológica e determinista, vinculada ao Naturalismo.

Feita essa breve apresentação das vertentes realista e naturalista, passamos à próxima seção, acerca da biografia do autor, bem como do fazer literário machadiano.

2.2 Machado de Assis: o homem e a obra

Nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, Joaquim Maria Machado de Assis, ou Machado de Assis como ficou popularmente conhecido, era o primogênito de Francisco José de Assis – mulato, filho de escravos que ganharam a liberdade –, e da açoriana Maria Leopoldina Machado. Conforme Fischer (2008), tratava-se de gente pobre, que dependeu de algum tipo de proteção de gente mais favorecida, pelo menos em alguns momentos da vida.

Contudo, nem todos os teóricos ou estudiosos de Machado de Assis acreditam que a vida do escritor tenha sido tão árdua ou difícil assim. Candido (1977), por exemplo, aduz que a tranquilidade exterior, a relativa facilidade de sua vida pública e o sucesso de sua carreira refuta a ideia de que sua cor escura e sua origem humilde tenham sido motivo de desprestígio. Ao contrário, o ensaísta aponta que Machado de Assis foi sempre íntimo de pessoas importantes da cidade e que foi reconhecido e glorificado ainda em vida, como o grande romancista brasileiro.

Começou a trabalhar por volta dos quinze anos de idade, tendo deixado precocemente de frequentar escolas formais. Porém, jamais abandonou os estudos, tendo aperfeiçoado seu conhecimento em língua portuguesa, francês e até mesmo latim. Aos vinte e oito anos, tornou-se funcionário público, o que lhe dava certo prestígio social. Fundou, junto com outros escritores, a Academia Brasileira de Letras, em 1897, tendo sido aclamado seu primeiro presidente, posição que ocupou até o ano de sua morte. Na ABL, ocupou a Cadeira de número vinte e três, e aos trinta anos de idade, casou-se com Carolina Augusta Novaes, senhora portuguesa com quem viveu até o final da vida dela.

De acordo com Teixeira (1988), Machado de Assis escreveu, ininterruptamente, dos quinze aos sessenta e nove anos de idade. Os primeiros textos datam de 1850 e são poemas sem valor artístico, publicados principalmente na revista carioca *Marmota fluminense*. Os últimos são do ano de sua morte, 1908, e pertencem ao *Memorial de Aires*, um dos cinco grandes romances que compôs em sua fase madura. Machado é apontado, por muitos críticos, como sendo não só um grande romancista, mas também um excelente contista, chegando a compor aproximadamente duas centenas de contos, entre eles, alguns dos melhores já escritos em língua portuguesa.

Ainda conforme o ensaísta, Machado de Assis interessou-se por todas as formas de expressão literária: crônica, poesia, teatro, tradução crítica, ensaio, conto e romance. Em todos esses gêneros deixou realizações importantes, tendo se mostrado, conforme já dito, um gênio tanto no conto, quanto no romance. Essa diversidade de formas não indica, no caso de Machado de Assis, dispersão ou exibicionismo; demonstra, ao contrário, uma insistente busca da maneira que lhe

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis fosse mais própria de interpretar a vida e construir a arte; direção que se deu, sobretudo, em torno do romance, conto e também da crônica.

Didática e cronologicamente contextualizada no Realismo, a obra machadiana revela independência com relação aos estilos e modas literárias de seu tempo, tendo cruzado com várias tendências artísticas da vida brasileira, a saber, Romantismo, Realismo, Naturalismo, Impressionismo, Parnasianismo, Simbolismo; Machado contribuiu para a formação de quase todas elas, mas não se filiou com exclusividade em nenhuma em especial, extraindo delas apenas o indispensável para a criação de seu próprio estilo, o que contribui para classificar sua obra como moderna, clássica, atemporal, universal.

Teixeira (1988) acrescenta que a arte de Machado de Assis resulta de uma grande inquietação espiritual. Completa dizendo que essa inquietação buscou amparo no método, na dedicação, na rotina de escrever todo dia para atingir a expressão perfeita. O seu fazer literário tomou, aos poucos, a nítida feição de ofício, para cujas dificuldades inventava sempre novas soluções.

A produção romanesca de Machado de Assis, de acordo com a crítica¹, é dividida em duas fases: a fase “romântica”, ou de aprendizagem, e a fase realista, ou da maturidade. Na fase romântica, ou de amadurecimento, o escritor ainda apresenta características do período romântico; na segunda, considera-se dentro do novo movimento literário realista, mas, conforme dito acima, com um estilo próprio e extremamente inovador, elevando a Literatura Brasileira a patamares nunca antes vistos.

A carreira de escritor literário de Machado de Assis começa com a publicação de seu primeiro livro - *Crisálidas*, de 1864 -, passando por outros romances de destaque, como *A mão e a luva* (1874) e *Iaiá Garcia* (1878), nos quais o ponto marcante dos enredos é a busca pela ascensão social das personagens.

Machado de Assis tornou-se genuinamente célebre pelo modo bem elaborado e peculiar de criar histórias fascinantes e envolventes, suas obras conduzem o leitor a uma complexa e instigante trama de relações que envolvem aspectos psicológicos, sociais, políticos e culturais, abordando temas atemporais, universais. A originalidade da escrita machadiana foi, certamente, um dos fortes ingredientes para a eficiência e sucesso de suas obras.

Segundo Teixeira (1988), o romance brasileiro, antes do amadurecimento de Machado de Assis, era voltado para o suspense e para surpresa da ação, técnicas muito utilizadas por José de Alencar, por exemplo. Machado abandona as técnicas tradicionalistas e introduz outra, revolucionária, com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1881, preferindo as surpresas do discurso às surpresas das ações, buscando novidades na maneira de dizer e não no que viria a acontecer, de maneira que os acontecimentos se ligassem pela associação livre das ideias e das palavras.

Os romances da fase romântica apresentam um enredo com estrutura folhetinesca, em que a trama parece ser o elemento fundamental, a exemplo do que

¹Um dos críticos responsáveis pela divisão da obra de Machado de Assis em duas fases foi José Veríssimo, que em seu livro *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*, consolidou essa visão, reconhecendo, nessas duas fases, uma primeira seguindo uma estética mais próxima à romântica e a segunda, a fase da maturidade, que inaugura a estética realista no Brasil. Assim, essa divisão cristalizou-se e foi adotada pela maioria dos críticos brasileiros, entre eles Roberto Schwarz e Alfredo Bosi.



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

aconteciam com o romance romântico. Entretanto, já é possível perceber a propensão machadiana para esboçar o caráter das personagens, por meio de um enredo em que se evidenciam ações embasadas no interesse e em conflitos psicológicos. A temática do amor platônico, calcada em torno de dois personagens, desaparece nos romances da primeira fase de Machado, ocorrendo um insinuado triângulo amoroso, que será elemento fundamental na fase da maturidade do autor. Também o chamado final feliz, tão caro aos românticos, em suas obras desaparece, dando lugar a um desfecho em que as personagens não conseguem resolver satisfatoriamente os seus conflitos de ordem sentimental. Na fase de aprendizagem, ou romântica, destacam-se romances como *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Ressurreição* (1872), *Iaiá Garcia* (1878), e alguns contos, como *Miss Dólar* (1870).

Com relação à poesia, na primeira fase, seus poemas de temática amorosa não apresentam preocupações formais, mas uma linguagem bastante trabalhada, há também a poesia de temática nacionalista, inspirada por Gonçalves Dias.

Concernente à fase realista, ou de maturidade como melhor se apresenta, sua poesia é considerada parnasiana, pois há uma preocupação tanto com a forma, quanto com a linguagem utilizada. Com relação à prosa, Machado de Assis não apenas inaugura o Realismo no Brasil, mas também sua segunda fase literária com *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), alcançando o ápice de sua carreira de escritor e o lugar que até hoje ocupa em nossas Letras: o de maior escritor da Literatura Brasileira.

A partir de então, seus escritos são permeados por análises psicológicas das personagens, análise da sociedade e crítica aos ideais românticos. Além disso, há uma mudança formal, com frases e capítulos curtos e a utilização do recurso de diálogo com o leitor, ou leitor incluso, apresentando-se como um dos dispositivos técnicos mais modernos da narrativa machadiana, o qual confere existência ao leitor, como categoria ficcional, habitando, por assim dizer, a margem do texto (TEIXEIRA, 1988).

Teixeira (1988) destaca que os romances representativos da literatura brasileira anterior às *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) apresentam personagens com unidade de caráter: quando boas, eram sempre boas; quando más, sempre más. As *Memórias póstumas de Brás Cubas* alteram completamente essa tradição e iniciam a revolução da segunda fase machadiana. Nessa obra, o autor, deixando de lado uma importante tendência das obras de aprendizagem, abandona a descrição da natureza e concentra seu interesse na análise do homem e não mais do brasileiro em particular. Suas personagens perderam a inteireza e uniformidade de caráter. Tornam-se fragmentárias e incoerentes, por se apresentarem mais reais.

O ensaísta amplia sua abordagem, dizendo que a revolução machadiana desloca, radicalmente, o interesse do cenário e da ação para o íntimo das personagens. A peripécia e a paisagem, que eram a tônica do nacionalismo romântico, são substituídas pela pesquisa da alma humana em seus traços psicológicos, éticos e morais. Machado de Assis, em seus romances e contos da maturidade, investigou, insistentemente, esse universo interior: “As narrativas maduras de Machado de Assis são, de fato, cruéis, pois desvendam aos homens aquilo que, estando neles próprios, não lhes é agradável conhecer” (TEIXEIRA, 1988, p. 59). É considerada a fase mais substancial de sua produção, englobando

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis os seguintes romances: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), e dentre seus contos mais famosos, destacamos: *O alienista* (1882), *O espelho* (1882), *A cartomante* (1884), *Uns braços* (1895), *O enfermeiro* (1896) e *Missa do galo* (1899).

Conforme atestamos em linhas anteriores, nessa fase, Machado inova na linguagem e na estrutura, tornando-se, desta maneira, um precursor do Modernismo. Segundo Candido (1977), muitos escritores da fase realista tentavam explicar situações e personagens; Machado, entretanto, tinha um modo próprio de compreender que para muitas situações não havia respostas, ou que essas respostas não estivessem claras. O ensaísta destaca que dentre os problemas abordados na obra machadiana, chama-nos a atenção a frequente relação entre o fato real e o fato imaginado, assim como entre a razão e a loucura, as quais tornam impossível a demarcação de uma fronteira entre o que de fato aconteceu e o que pensamos que aconteceu.

Para Candido (1977), o tema que lhe é mais caro na obra machadiana é o da transformação do homem em objeto do próprio homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual. Este tema é um dos demônios familiares da sua obra, desde as formas atenuadas do simples egoísmo até os extremos do sadismo e da pilhagem monetária. A ele se liga a famosa teoria do Humanitismo:

elaborada por um dos seus personagens, o filósofo Joaquim Borba dos Santos, doido e por isso mesmo machadianamente lúcido, figurante secundário em dois romances, um dos quais traz o seu apelido: *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba* (CANDIDO, 1977, p. 28).

Ainda conforme Candido (1977), o ganho, o lucro, o prestígio, a soberania do interesse são molas que sustentam seus personagens, aparecendo em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, 1881, avultando em *Esaú e Jacó*, 1904, predominando em *Quincas Borba*, 1891, sempre transformado em modos de ser e de fazer. E os mais desagradáveis, os mais terríveis dos seus personagens são homens de corte burguês impecável, perfeitamente entrosados na sociedade em que vivem como o casal Palha.

A esse respeito, ampliamos a discussão ao lançarmos mão das reflexões de Teixeira (1988), que apontam para outros dois aspectos da escrita machadiana, o pessimismo e o ceticismo, e que vão ao encontro do que está dito acima por Antonio Candido (1977). Por meio da busca do mais íntimo da essência humana, o autor vai desvendando as causas secretas dos atos humanos, que acabam por não ser virtudes, revelando o desencanto do autor perante a humanidade.

Tal visão é chamada pessimismo e decorre de uma profunda descrença nos homens, pois Machado julgava que o egoísmo prepondera sobre o altruísmo, o mal sobre o bem. Nesse sentido é que se deve entender a presença do demônio em sua ficção, na qual ele figura como o arquiteto da maldade humana (TEIXEIRA, 1988, p. 68).



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

Enfim, retornando a Candido (1977), dizendo que muitos dos seus contos e romances apresentam finais abertos, sem conclusões, permitindo ao leitor uma dupla leitura, lançando mão de uma outra importante característica da produção madura machadiana, a ambivalência, que elege a ironia como principal recurso retórico; diferentemente dos autores de sua época, que buscavam a maior objetividade narrativa possível, Machado lança mão do subjetivo, do fragmentário, do elíptico, demonstrando, assim, despreocupação com as modas dominantes e certo arcaísmo de técnica, que, diante das tendências vanguardistas do século XX, parece bruscamente moderna.

A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida, como os ironistas do século XVIII; ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície.

Facioli (1982) comenta que quando morreu, em setembro de 1908, falou-se de Machado de Assis em todos os jornais do país, por meio de notícias, artigos, discursos, ensaios e páginas de comovida saudade. O ensaísta acrescenta que de 30 de setembro a 10 de outubro inúmeras publicações foram feitas e, a todo instante, o seu nome foi chamado à cena, como jamais certamente aconteceu a um outro escritor brasileiro; todas as publicações apresentavam o enterro sob as cores da consagração. Machado de Assis continua sendo o maior nome da literatura brasileira.

No decorrer da graduação, nos foram apresentados vários autores e obras, contudo, escolhemos Machado de Assis para aprofundar nossos estudos e pesquisa do trabalho de conclusão de curso, TCC, não apenas pelo encantamento e desafio proposto, mas pelo fato de ainda hoje, passados mais de cem anos de sua morte, suas obras se revelarem sempre novas a cada encontro, ou reencontro. Não retratam apenas o Brasil periférico, de preconceitos velados, onde a ética e a moral são relativizadas. Embora já não haja senhores que possam montar em seus escravos como fazia o jovem Brás Cubas, há ainda no Brasil, e no mundo, outras formas de escravidão e de humilhação impostas e sofridas aos homens pelos próprios homens; e o poder, o dinheiro e a corrupção continuam relativizados, bem casados, “perfeitamente entrosados nos *mores* da sua classe” (CANDIDO, 1977, p. 31).

Concluimos, dizendo que ao nos depararmos com o texto machadiano, nos sentimos motivadas a desvendar o seu discurso, naquilo que está na entrelinha, pela exploração das características acima apresentadas e materializadas por uma escrita atemporal, de riqueza simbólica, da palavra plurissignificativa, desvendando, em um estilo único, a essência da condição humana. Dessa forma, o autor deixa um legado incomparável na história das letras brasileiras, que continua encantando o leitor de todos os tempos e espaços.

3 Quincas Borba e a teoria do Humanitismo

Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas!
Machado de Assis

3.1 *Quincas Borba* (1891), de Machado de Assis, a obra

O romance *Quincas Borba* (1891), de Machado de Assis, traz uma curiosidade em relação à sua publicação: em seu ensaio acerca da obra, Teixeira (1988) destaca que o romance foi escrito duas vezes, sendo que a primeira versão saiu em capítulos, numa revista de modas chamada *A estação*, entre os anos de 1886 e 1891. A segunda versão, considerada a definitiva, foi publicada em volume pela Livraria Garnier, em 1891, dez anos após a publicação das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881).

A obra conta a história de Pedro Rubião de Alvarenga, um ex-professor primário que, em Barbacena, se torna enfermeiro e discípulo do filósofo Quincas Borba, que falece louco, deixando para Rubião toda a sua fortuna e tudo mais que possuía: sua filosofia, o Humanitismo – “Ao vencedor, as batatas!” (ASSIS, 2012, p. 32), e seu cachorro, cujo nome é o mesmo do falecido dono. Herdando toda a fortuna de Quincas Borba, Rubião decide se mudar para a cidade do Rio de Janeiro.

Na viagem, conhece o capitalista Cristiano de Almeida e Palha, juntamente com sua bela esposa Sofia. Rubião, sendo dominado pela inocência, deixa se guiar pelo casal Palha. Ele se instala em um palacete e vive a frequentar a casa do casal. Rubião acaba apaixonando-se por Sofia, surgindo um pressuposto para Palha usurpar toda a riqueza do ingênuo professor, pois com o encantamento diante da beleza de Sofia, Rubião inocente e apaixonado, realiza todos os negócios que Cristiano deseja, promovendo o enriquecimento deste e sua própria falência.

Rubião se declara a Sofia, que o rechaça, embora tenha provocado a declaração, já que intuía a sua condição de chamariz. Contudo, se antes intuía essa sua condição, a partir dessa situação relatada ao marido, a bela Sofia tem de exercê-la conscientemente. Diante da rejeição da bela dama, Rubião vai enlouquecendo aos poucos e é abandonado por todos que se aproveitaram dele.

Assim, resolve retornar a Barbacena, juntamente com seu cachorro Quincas Borba, único companheiro que lhe resta. Depois de chegar a Barbacena, o ex-professor começa a passar fome e frio, vindo a falecer na casa de sua comadre Angélica, coroando-se como Napoleão III e pronunciando a máxima de seu amigo filósofo Quincas Borba, que somente naquele momento, dominado pela loucura, consegue compreender: “Ao vencedor, as batatas”! (ASSIS, 2012, p. 32). Três dias após sua morte, seu fiel e único amigo, o cachorro Quincas Borba, morre de tristeza.

Conforme dito anteriormente, *Quincas Borba* (1891) foi escrito duas vezes, sendo que a versão definitiva é a da segunda edição, em que o romance começa pelo meio da estória, isto é, *in medias res*² em que o narrador interrompe a sequência para relatar o que sucedeu antes do ponto de início.

Teixeira (1988) destaca que na primeira versão, o romance começa pelo princípio dos fatos, ou seja, o primeiro capítulo inicia com a morte de Quincas Borba e seu contato com Rubião, em Barbacena. Nessa primeira versão, o

²Conforme Reis e Lopes (1988, p.258-259), como a expressão latina indica (“no meio dos acontecimentos”), o início *in medias res* constitui, na epopeia, um processo deliberado de alterar a ordem dos eventos da história ao nível do discurso: o narrador inicia o relato por eventos situados num momento já adiantado da ação, recuperando depois os fatos anteriores por meio de uma analepse, ou *flashback*.



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

protagonista só aparece na Corte no capítulo vinte, e não no primeiro, como na segunda versão. Para o ensaísta, essa quebra de linearidade cronológica enriqueceu consideravelmente o romance, dando vivacidade e surpresa construtiva. Além desse *flashback*, na versão definitiva da obra, houve acréscimos de cenas, ideias e outras mudanças significativas.

Quincas Borba (1891) é o segundo romance da fase madura de Machado de Assis. Melo e Souza (2006) comenta que, no prólogo da segunda edição do livro, Machado de Assis reafirma a existência do parentesco entre *Memórias póstumas de Brás Cubas* e o romance *Quincas Borba* (1891), reconhecendo não somente semelhanças, mas também divergências entre as duas obras:

Já na primeira edição se disse (capítulo IV) que o título do livro é o nome de um personagem que apareceu nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Se lestes os dous livros, sabeis que é o único vínculo entre eles, salvo a forma, e ainda assim a forma difere no sentido de ser aqui mais compacta a narração (ASSIS apud MELO E SOUZA, 2006, p. 123).

Ainda segundo o ensaísta, a convergência ocorre em duas seções narrativas de *Quincas Borba* (1891). A primeira está presente no capítulo treze, em que se refere à carta recebida por Rubião, quando Brás Cubas comunica o falecimento de Quincas Borba. Já a segunda, está no capítulo cento e cinquenta e nove, que descreve a reação de Sofia ao ler a carta de Maria Benedita confessando a felicidade de seu casamento com Carlos Maria.

Para Melo e Souza (2006), em *Quincas Borba* (1891), o procedimento matatextual da sùmula exegética não se aplica às seções narrativas, mas ao título da obra. O nome do filósofo supõe a metalinguagem crítica presente na teoria do Humanitismo. Mesmo tendo uma diferença de pessoa gramatical e na forma de narração, o romance *Quincas Borba* (1891) se comunica com *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), principalmente, porque põe em ação a propagação do princípio de Humanitas e da lei da equivalência das janelas. Ambos os romances também se convergem na adoção de uma forma dramática de fabulação, caracterizando uma subordinação do texto narrativo ao metatexto, do humanitismo e bivolcalismo da consciência em polêmica consigo mesma.

De acordo com Nicácio (2017), a lei da equivalência das janelas, que é desenvolvida e formulada no capítulo cinquenta e um, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, 1881, o signo da janela é utilizado para tratar de questões de ordem moral. No caso, Brás Cubas queria convencer-se de que ultrapassar o plano moral estabelecido, ter um caso amoroso com uma mulher casada, é sempre algo que pode ser compensado, fecha-se uma janela, isto é, passa-se por cima da moral, enquanto se abre outra, a dos prazeres terrenos. A janela, neste caso, é usada para passar de um plano a outro criando a imagem da leveza, da irresponsabilidade e da superficialidade das relações. Relacionando as duas obras, dizemos que a conduta de Rubião em relação a Sofia vai ao encontro, converge às intenções propostas por Brás Cubas.

Retornando a Melo e Souza (2006), essas duas versões romanescas constituem o testemunho inequívoco do estatuto calculado da obra machadiana. Assim, a narrativa do defunto autor e a encenação do drama tragicômico do filósofo do Humanitismo mutuamente se clarificam.

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis

De acordo com Sá (1989), *Quincas Borba* (1891) apresenta características da comédia e da tragédia, em que exprime um personagem típico em uma situação de cunho da comédia, em uma obra que tem um desenrolar trágico. Para o ensaísta, é presente no romance um maior uso da vida social da época, sendo um texto com mais proximidade aos romances tradicionais do século dezenove. Há também, o abandono de Machado pelo narrador em primeira pessoa, voltando, como em seus romances da primeira fase, com uma narrativa em terceira pessoa.

Sá (1989) destaca que como característica da comédia, tem o aproveitamento do tema do “bom provinciano”, exigindo assim, uma maior apresentação da realidade social. Já como tragédia, o romance não poderia ter sido escrito do ponto de vista do protagonista Rubião, pois não conseguiria refletir o lado trágico e cômico de sua vida. Essas diferenças ocorrem pelo caráter híbrido de *Quincas Borba* (1891).

O ensaísta conclui que Machado de Assis produz em *Quincas Borba* (1891) uma reescritura trágica do cômico. Apesar de apresentar toda uma estrutura de comédia, o romance apresenta a tragédia de Rubião em sua total loucura. Assim, o narrador ao término da história, convida o leitor a reagir com lágrimas ou risos.

Ivan Teixeira (1988), em sua obra *Apresentação de Machado de Assis*, comenta que no romance *Quincas Borba* (1891), Machado produz um relato sóbrio e verossímil, bem próximo da estética realista. Diferentemente de *Brás Cubas*, o narrador não participa da ação. Como já foi dito anteriormente, a obra é narrada em terceira pessoa, sendo assim, o narrador mantém-se distante e observa tudo o que acontece, como se tudo fosse independente de sua voz; preocupa-se em ordenar muito bem todos os acontecimentos para que o leitor tenha a sensação de que está diante da vida e não de uma obra fictícia.

Para Teixeira (1988), Machado estava procurando, em *Quincas Borba* (1891), adequar-se à tradição de escrever um romance bem caracterizado, composto por um enredo regular e um estilo claro, mostrando algo a mais do que o simples domínio do padrão. A partir disso, originou uma obra-prima finíssima e disciplinada, em que consiste na conquista de um ritmo narrativo equilibrado e contínuo. Teixeira (1988) completa dizendo que isso é um fato, mas não absoluto, porque encontram-se várias passagens nesse romance em que reaparece o espírito ziguezagueante de *Brás Cubas*, incorporado ao estilo de Machado de Assis desde aquela primeira obra.

Conforme o ensaísta, o narrador de *Quincas Borba* (1891) é, em determinada medida, o próprio Machado de Assis³. Isso se comprova no capítulo IV, no seguinte fragmento: “Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo naufrago da existência, que ali aparece, mendigo herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora em Barbacena” (ASSIS apud TEIXEIRA, 1988, p.110).

³Conforme Teixeira (1988), não se deve aqui confundir narrador, o que fala ao leitor, com escritor, o que escreve e cria aquele falante hipotético. Contudo, nesse romance, Machado de Assis assume a persona do escritor/falante. A passagem transcrita acima, bem como outras, quebra a objetividade do narrador em terceira pessoa (TEIXEIRA, 1988, p. 109-10).



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

Teixeira (1988, p.110) completa dizendo que esse é o momento em que as narrativas se tocam, sendo esta uma espécie de continuação daquela. Contudo, a história é completamente outra: “mostra a caminhada de Rubião para a loucura, o qual, depois de professor primário, foi enfermeiro de Quincas Borba. De modo que o verdadeiro liame entre os romances é apenas o Humanitismo [...]”.

O tema central da obra *Quincas Borba* (1891) é a transformação do homem em objeto do próprio homem, a reificação, ou coisificação da condição humana. Na obra, Machado de Assis parodia o processo de seleção de Charles Darwin que escreveu sobre a seleção natural das espécies, mostrando que a sobrevivência do mais apto ou forte é tão voraz na natureza, quanto na sociedade. Essa paródia é retratada por meio da teoria do Humanitismo, criada pelo filósofo Quincas Borba, em que a frase síntese é “Ao vencedor, as batatas!” (ASSIS, 2012, p. 32), provando que quem tem poder e dinheiro, sempre tem a força e a vitória. A fim de melhor compreendermos essa teoria, passemos a uma abordagem mais cuidada na próxima seção.

3.2 A teoria do Humanitismo

Um dos aspectos mais interessantes presentes na obra *Quincas Borba* (1891) é a sátira da filosofia do Humanitismo que aparece como uma crítica social e é exposta pelo personagem Quincas Borba. O Humanitismo é apresentado pela primeira vez por Quincas Borba no capítulo cento e dezessete das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e é retomado, segundo Teixeira (1988), em um estilo diferente e para outro interlocutor, no capítulo seis de *Quincas Borba* (1891). De acordo com Teixeira (1988), a filosofia de Quincas Borba, o Humanitismo, diz que o mundo é a projeção de Humanitas, substância da qual emanam e também para a qual convergem todas as coisas:

Cada homem contém em si uma parcela daquela substância original. Por isso, quanto à essência, todos somos iguais. Daí vem que a inveja é o nobre sentimento de contemplação, nos outros, das qualidades de Humanitas. Da mesma forma, o estripamento ou a execução legal não passam de ações corretivas de Humanitas contra Humanitas em favor de Humanitas (TEIXEIRA, 1988, p. 117).

Ainda conforme Teixeira (1988), em relação às organizações da sociedade, o Humanitismo não vê as guerras e as outras formas de violência como flagelos, mas sim, como uma suspensão da monotonia universal e um meio de seleção dos mais aptos. A frase usada por Quincas Borba para resumir a sua teoria é “Ao vencedor, as batatas!” (ASSIS, 2012, p.32), que condensa a ideia de que a divisão equitativa enfraquece as partes, enquanto a conquista por meio da disputa enrobustece o mais forte. O ensaísta esclarece que o caráter conservador e benéfico da guerra, segundo a filosofia de Quincas Borba, decorre do fato de não ocorrer morte, pois essa supressão da forma externa do indivíduo não atinge em nada a sua essência, que é Humanitas. Sendo assim, mesmo aqueles que foram derrotados na disputa por alimento devem sentir felicidade, porque estão servindo ao princípio de que descendem.

Para Teixeira (1988), a projeção de Humanitas ocorre em quatro fases: a estática, anterior à criação; a expansiva, início das coisas; a dispersiva, surgimento

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis do homem; a contrativa, absorção do homem na substância original. Desse modo, esse sistema exclui o sexo e a dor da vida humana, enquanto considera o Cristianismo uma moral dos fracos e a mulher um ser inferior. Porém, tudo no mundo é bom, e o único mal que o ser humano está sujeito a enfrentar é não nascer; ou seja, para expor a sua teoria, *Quincas Borba* se utiliza de um discurso altamente irônico, crítico, satírico.

Quincas Borba pretendeu organizar suas ideias de modo coerente e racional; sua doutrina é exposta por meio de diálogos, com perguntas e respostas; contudo, seu método nada tem a ver com a maiêutica socrática, uma vez que só o discípulo pergunta e o mestre traz sempre pronta a resposta. *Quincas Borba* nunca pretendeu provocar ideias, queria sim explicar a vida e orientar a sociedade, sem se preocupar com o conhecimento intrínseco dessas coisas. O ensaísta acrescenta que o Humanitismo se torna cômico e divertido no romance *Quincas Borba* (1988), porque com a evolução da loucura do filósofo, além das frases de efeito, e em respeito à ingenuidade do novo discípulo, Rubião, a didática impôs ao mestre duas alegorias picantes, a de duas tribos que lutam por um campo de batatas e a da morte de sua própria avó.

O estudioso ressalta que o pensador Machado de Assis inventou a Teoria do Humanitismo para ridicularizar o Positivismo de Augusto Comte, que, dominante na Europa a partir de 1850, ainda estava em propagação no Brasil à época da publicação das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881). Assim, a filosofia de *Quincas Borba* é uma paródia bem humorada dessa filosofia Positivista. Além dessa paródia, há, na Teoria do Humanitismo, diversas ironias a outras doutrinas sagradas, como o Budismo, Islamismo e Cristianismo levando a pensar que essa teoria seria uma negação a todos os sistemas e crenças da humanidade, por isso se proclama como: “O Humanitismo há de ser também uma religião, a do futuro, a única verdadeira” (ASSIS, 1978, p. 142).

De acordo com Melo e Souza (2006), no capítulo seis de *Quincas Borba* (1891), o filósofo inventor do Humanitismo usa a morte da própria avó para explicar a Rubião o sentido de sua filosofia. Segundo *Quincas Borba*, a sege que atropelou e matou sua avó confirma o princípio de Humanitas. Explica a motivação dessa ocorrência Humanitista valendo-se do argumento de que o cocheiro, submetido pela fome, açoitou as mulas para satisfazer seu apetite. Porém, encontrou um obstáculo, a avó de *Quincas Borba*, tendo assim, que derrubá-la. O filósofo conclui o seu raciocínio, explicando que esse acontecimento resultou de um “movimento de conservação: Humanitas tinha fome. (...) Humanitas precisa comer”(ASSIS, 2012, p. 31). O filósofo ao perceber a decepção de Rubião com a morte de sua avó, explica que não há morte:

O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum (ASSIS, 2012, p.32).

Para Melo e Souza (2006), na Teoria do Humanitismo, a morte significa o início de uma nova vida, e não o fim de um determinado regime existencial. Tudo vai se transformar e se formar a partir de movimentos de criação e nadificação. No



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

drama do Humanitismo, nada se perde, pois o aniquilamento do outro não significa o fim, mas o surgimento de outro ser. A questão do lucro e do prejuízo são relativos, pois não vão comprometer a economia geral da existência. Quincas Borba vai contestar o primado moral da ação com a Teoria do Humanitismo, pois para ele a preservação da comunidade vai depender da guerra, e não da paz. Para explicar esse aspecto de sua teoria, o filósofo mostra para Rubião o exemplo de duas tribos famintas que estão diante de um campo de batatas, porém só terá como alimentar uma tribo:

A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas (ASSIS, 2012, p. 32).

Esses dois episódios, da morte da avó e da disputa das tribos famintas, são o princípio didático do Humanitismo. Esses acontecimentos não são em ordem lógica e consecutiva, mas se apresentam em uma mesma lei narrativa, ligam-se no postulado filosófico de Humanitas. Essas máximas do filósofo do Humanitismo transformam os personagens de *Quincas Borba* (1891) em protagonistas de um processo de alienação da sociedade. Para o ensaísta, esse ditame que Humanitas precisa comer trava uma luta de todos contra todos, em um mundo que é regido pela antropofagia social, não resta nada mais a se fazer, se não comer, ou ser comido.

Conforme Melo e Souza (2006), a ironia suprema do romance *Quincas Borba* (1891) é a elaboração de uma teoria que foi atribuída por um filósofo louco, mas que corresponde ao jeito alienado de homens que são considerados pela sociedade normais. O ensaísta vai dizer que, na visão crítica de Antonio Candido, o Humanitismo é a representação de uma sociedade alienada, em que ocorre a reificação da personalidade:

Os críticos, sobretudo Barreto Filho, que melhor estudou o caso, interpretam o Humanitismo como sátira ao positivismo e em geral ao naturalismo filosófico do século XIX, principalmente sob o aspecto da teoria darwiniana da luta pela vida com sobrevivência do mais apto. Mas além disso é notória uma conotação mais ampla, que transcende a sátira e vê o homem como um ser devorador em cuja dinâmica a sobrevivência dos mais forte é um episódio e um caso particular. Essa devoração geral e surda tende a transformar o homem em instrumento do homem, e sob este aspecto a obra de Machado se articula, muito mais do que poderia parecer à primeira vista, com os conceitos de alienação e decorrente reificação da personalidade, dominantes no pensamento e na crítica marxista de nossos dias, e já ilustrados pela obra dos grandes realistas, homens tão diferentes dele quanto Balzac e Zola (CANDIDO apud MELO E SOUZA, 2006, p.126).

Para o ensaísta, esse relacionamento entre o mestre e o discípulo explica a troca do vencedor e do vencido no sistema humanitista. Quincas Borba induz Rubião ao regime de sua nova filosofia e o convence a adotá-la como regra de conduta em seu viver. Nessa Teoria do Humanitismo, ser vencedor significa comer,

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis pois os vencidos são comidos. As batatas são representadas como objetos comestíveis, classificando assim, que quem come é o mais poderoso.

Melo e Souza (2006) vai dizer que em uma sociedade que é organizada por um regime do impulso predatório, os seres humanos vão se relacionar como predadores e presas, em que se revezam em um círculo vicioso das violações e agressões recíprocas. Em uma sociedade capitalista, o valor monetário é o dispositivo principal, em que todos aparecem comprando ou sendo comprados.

O ensaísta comenta, ainda, que na perspectiva da filosofia humanista, o processo de alienação e reificação da personalidade resultam por meio da imperial natureza humana, e não somente pela manifestação histórica:

O ideal de humanização, instaurado pelo mito genuinamente grego do homem, condiciona a subordinação de alteridade ao estatuto da identidade. Privilegiado como protótipo do sentido do mundo e dos entes intramundanos, o culto do homem se impõe como desígnio absoluto da cultura grega. [...] A invenção grega do mito do homem constitui o prólogo em que se anuncia o drama antropocêntrico da civilização ocidental (MELO E SOUZA, 2006, p.128).

No romance *Quincas Borba* (1891), ocorre uma disputa de todos contra todos em que o predomínio da guerra é o que faz a resolução dos conflitos:

Nos domínios do mundo criado à imagem e semelhança do homem, todos são perseguidores e simultaneamente perseguidos, porque vivem sob o acicate do mecanismo da perseguição de um centro de poder assumido por um mandatário. Efeito teórico da constituição ontológica, e não simplesmente econômica do homem ocidental, o novo humanismo machadiano assegura que o homem não é apenas o veículo, mas também o passageiro e o cocheiro de Humanitas (MELO E SOUZA, 2006, p. 130).

O Humanismo é retratado no romance sob a visão de que o sujeito revestido de poder é o que obtém dinheiro e na interpretação de que quando acontece um mal a alguém isso pode render-lhe o próprio bem. A obra inicia com a explicação da fórmula das batatas. Rubião, que não compreendia o sentido da luta das tribos, passa de vencido a vencedor, quando herda toda a herança do amigo Quincas Borba. Além de herdar todos os bens materiais de Quincas Borba, o professor assume a teoria do Humanismo e a lei da equivalência das janelas para resolver seus problemas de consciência, conforme mostra o segundo capítulo do romance:

Que abismo há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanhavam, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha...-Bonita canoa! - Antes assim! – Como obedecer bem aos remos do homem!-O certo é que eles estão no céu! (ASSIS, 2012, p. 25).



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

Ainda conforme o ensaísta, o capítulo citado acima se enuncia com uma frase exclamativa do narrador, fazendo uma análise da natureza contraditória da existência humana. Na enunciação seguinte, esse narrador antagoniza em consciência da polêmica consigo mesmo. Essa enunciação interrogativa é a voz do coração com o apelo da consciência moral racional. Sendo que o restante do capítulo dramatiza o bivocalismo da consciência entre essas duas interpelações.

Por fim, comenta que esse princípio do Humanitismo e a lei da equivalência das janelas, conforme destacado anteriormente, formulada por Brás Cubas para resolver as questões de ordem moral, que, neste caso, se materializa por meio do diálogo entre o espírito e o coração, desenhando a imagem do capitalista Rubião, é o que faz desenrolar a estrutura narrativa de *Quincas Borba* (1891). Essa ambivalência da consciência entra em conflito com os personagens que estão submetidos em um sistema hierárquico de coerção da sociedade.

Concluimos, dizendo que a Teoria do Humanitismo é o elemento satírico e de crítica social presente no romance. Machado de Assis, ao criar essa filosofia, não critica apenas o cientificismo e positivismo em voga, já que não acredita que a ciência tenha todas as explicações para a complexidade humana. A partir da construção das três personagens principais, o protagonista e os dois antagonistas, Machado aponta para o tema central da obra: a reificação, ou a transformação do homem em objeto do próprio homem, a coisificação do homem, materializado em um discurso irônico e provocativo, que se estende para o outro tema: a representação da loucura, abordado no contexto da produção machadiana. Assim, para melhor compreendermos a temática da loucura associada à Teoria do Humanitismo, materializada na relação das três personagens passemos ao próximo capítulo.

4 A construção das personagens protagonistas e os efeitos de sentido, em *Quincas Borba* (1891), de Machado de Assis

Quando Rubião voltava do delírio, toda aquela fantasmagoria palavrosa tornava-se, por instantes, uma tristeza calada. A consciência, onde ficavam rastos do estado anterior, forcejava por desapegá-los de si. Era como a ascensão dolorosa que um homem fizesse do abismo, trepando pelas paredes, arrancando a pele, deixando as unhas, para chegar acima, para não tombar outra vez e perder-se.

Machado de Assis

4.1 A construção das personagens no romance

Segundo Candido (2004), quando abordamos o conhecimento direto

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis

das pessoas, um dos dados fundamentais do problema é o contraste entre a *continuidade* relativa da percepção física (em que fundamos o nosso conhecimento) e a *descontinuidade* da percepção, digamos, espiritual, que parece frequentemente romper a unidade antes apreendida. No ser uno que a vista ou o contato nos apresenta, a convivência espiritual mostra uma variedade de modos-de-ser, de qualidades por vezes contraditórias.

[...] Os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados. Daí a psicologia moderna ter ampliado e investigado sistematicamente as noções de subconsciente e inconsciente, que explicariam o que há de insólito nas pessoas que reputamos conhecer e, no entanto, nos surpreendem, como se uma outra pessoa entrasse nelas, invadindo inesperadamente a sua área de essência e de existência.

Esta constatação, mesmo feita de maneira não sistemática, é fundamental em toda a literatura moderna, onde se desenvolveu antes das investigações técnicas dos psicólogos, e depois se beneficiou dos resultados destas. É claro que a noção do mistério dos seres, produzindo as condutas inesperadas, sempre esteve presente na criação de forma mais ou menos consciente [...]. Mas só foi conscientemente desenvolvida por certos escritores do século XIX, como tentativa de sugerir e desvendar, seja o mistério psicológico dos seres, seja o mistério metafísico da própria existência (CANDIDO, 2004, p.53).

O ensaísta destaca que essas considerações visam a mostrar que o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes. Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. Daí a necessária simplificação, que pode consistir numa escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza.

[...] No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa do que nós. E isto não quer dizer que seja menos profunda; mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica. [...] Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos,



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.
sobrevamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação (CANDIDO, 2004, p. 58).

A esse respeito, Rosenfeld (2004) comenta que o leitor da obra literária pode contemplar e ao mesmo tempo viver as possibilidades humanas que, de certa forma, a sua vida pessoal não permite viver ou contemplar. O estudioso ressalta, ainda, que não poderá apreender esteticamente a totalidade e plenitude de uma obra de arte ficcional, quem não for capaz de sentir vivamente todas as nuances dos valores não-estéticos – religiosos, morais, político-sociais, vitais, que estão em jogo com os seres humanos. Esses valores não-estéticos e os cognoscitivos fundam o valor estético, que suspende o peso do valor real dos outros valores integrando-os no reino da ficção.

Para Rosenfeld (2004), a ficção é um lugar ontológico privilegiado, em que o homem pode viver e contemplar, de acordo com as personagens em suas mais variadas condições e formas. Neste sentido, Rosenfeld (2004) ressalta que através do afastamento da realidade e elevando-se a um mundo simbólico o homem, quando volta para a realidade, consegue apreender melhor toda a riqueza e profundidade da arte. Assim, o ensaísta comenta que é por meio da arte que nos aproximamos e nos distanciamos, ao mesmo tempo, da realidade.

Enfim, retornamos às reflexões de Candido (2004), dizendo que não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor, sendo, ainda conforme o crítico, a personagem o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, mas que só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim de contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance.

No romance *Quincas Borba* (1891), de Machado de Assis, três são as personagens fundamentais para o desenrolar da narrativa. Conforme dito anteriormente, o enredo é vivido pela personagem Pedro Rubião de Alvarenga, um ex-professor primário de Barbacena, que herda toda a fortuna de seu amigo Quincas Borba. Ao subir de posição social, Rubião decide mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro, e, na viagem, conhece Cristiano de Almeida e Palha e sua bela esposa Sofia. A partir daí, Rubião deixa-se guiar pelo casal Palha, que, aos poucos, vai tirando toda sua fortuna e lucidez.

Ao observarmos a construção da personagem Rubião, percebemos que mesmo tendo herdado toda a fortuna do filósofo Quincas Borba, apresenta características do homem simples, comum e ingênuo que sempre fora. Vivia um eterno duelo entre ser o bom provinciano e o homem capitalista:

De repente, surgiu-lhe este grave problema: - se iria viver no Rio de Janeiro, ou se ficaria em Barbacena. Sentia cócegas de ficar, de brilhar onde escurecia, de quebrar a castanha na boca aos que antes faziam pouco caso dele, e principalmente dos que riam da amizade de Quincas Borba. Mas, logo depois, vinha a imagem do Rio de Janeiro, que ele conhecia, com seus feitiços, movimento, teatro em toda a parte, moças bonitas, 'vestidas à francesa' (ASSIS, 2012, p. 41-42).

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis

Ao analisar as personagens Sofia e Palha, percebe-se o grande jogo de interesses que os move, pois Sofia usa Rubião para roubar-lhe a fortuna e Palha usa Sofia que, conscientemente, permite que isso aconteça só para enriquecer-se e deixar-se enganar pelas aparências do mundo capitalista.

Assim, de acordo com Candido (2004), em um mundo fictício, as personagens têm uma lei própria. Tendo mais consciência, nitidez e um contorno definido, ao contrário da vida. Os personagens vão obedecer a uma certa concepção de homem, com um intuito simbólico, um impulso indefinível, à maneira que embora esteja nutrido de experiência de vida e de observação, é mais interior do que exterior. Esse é o caso de personagens representadas por Machado de Assis, em que homens feridos pela realidade a encaram com desencanto.

Candido (2004) conclui que os elementos que um romancista escolhe para apresentar suas personagens, tanto física quanto espiritualmente, são por força de indicativos. Dessa maneira, os realistas do século XIX, povoaram o espaço literário pelo pormenor, ou seja, utilizaram uma técnica de convencer pelo exterior e pela aproximação com a realidade, fazendo o mesmo com a psicologia, principalmente na generalização do monólogo interior, sugerindo um fluxo inesgotável da consciência. O ensaísta ressalta, ainda, que cada traço adquire função em relação ao outro, em que a verossimilhança, o sentimento da realidade, dependa da organização do contexto.

Machado de Assis, em *Quincas Borba* (1891), usa vários elementos táticos, relacionados à loucura, um outro tema muito caro para o autor, e que aqui figura, ao lado da teoria do Humanismo como elementos essenciais à obra. O autor se utiliza da loucura juntamente com os elementos psíquicos das personagens, para criar situações de conflitos não resolvidas. Esses elementos estão relacionados a uma visão crítica da sociedade da época, em que Machado lança mão da loucura como uma espécie de iluminação para os problemas de conduta ética e moral das personagens, e não apenas como um problema da psiquiatria e da ciência.

Conforme o desenrolar da história, tem-se a deterioração mental do personagem Rubião diante de uma sociedade capitalista, em que o mesmo não consegue se adaptar. A razão e a arrogância são mascaradas diante da construção do sujeito social, questionando-o. Dessa forma, Machado cria a única personagem desinteressada de posições sociais, o cachorro Quincas Borba, amigo fiel e leal de Rubião, que permanece ao seu lado mesmo sem luxos. Assim, as personagens vão representar um papel social mostrando o que se deve ser e o que se quer ser, o psicológico e o social, o coração e a razão, representando, assim, a verdadeira face de uma sociedade capitalista, emergente à época da escrita e publicação da obra.

Diante do exposto, percebemos que a temática da loucura vai ser materializada aliada às relações de interesses, como no momento em que Rubião começa a fantasiar seu romance com Sofia, ou no momento que Sofia, conscientemente, deixa seu marido Palha usá-la para usurpar a fortuna de Rubião. Desse modo, Machado de Assis satiriza esse jogo de interesses com a Teoria do Humanismo, pois tudo é pelo humanitas, estabelecendo-se a ideia de que não há morte nem guerras, é tudo um sacrifício válido como o próprio Quincas Borba diz:

Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.
sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra (ASSIS, 2012, p. 32).

Assim, a sandice de Rubião se configura a partir do momento em que ele perde os valores da ética e da moral, pois para ele não havia problema em ele se relacionar com Sofia mesmo ela sendo casada, trazendo à baila a lei da equivalência das janelas. Contudo, Rubião não sabe jogar o jogo, acaba sendo usado pelo casal Palha e vai de vencedor a vencido. Para compreender melhor esse processo de loucura e a representação da Teoria do Humanitismo nas personagens, passemos a próxima seção.

4.2 A construção das personagens protagonistas em *Quincas Borba* e os efeitos de sentido criados pelo discurso machadiano

Conforme dito anteriormente, a obra *Quincas Borba* (1891), de Machado de Assis, apresenta três personagens fundamentais para o desenrolar do enredo. Rubião, é a personagem central e o herdeiro de toda a fortuna de seu amigo filósofo Quincas Borba. Cristiano de Almeida e Palha, ambicioso desmedido e “amigo” de Rubião, e sua belíssima esposa Sofia, que são as personagens antagonistas da história.

Segundo Riedel (1982), algumas personagens de Machado de Assis têm uma sensibilidade carnavalesca:

O carnaval elaborou toda uma linguagem de formas simbólicas concretas, acessíveis aos sentidos, a qual admite uma certa transposição em uma linguagem que lhe é próxima pelo caráter concretamente sensível - a linguagem da literatura. A esta transposição do carnaval na linguagem da literatura é que Bakhtine chama a sua carnavalização (RIEDEL, 1982. p. 397).

De acordo com Riedel (1982), Rubião é um complexo de características carnavalescas⁴. Ele tem uma nobreza e grandeza na fronteira da queda da abjeção; tem também uma ânsia de domínio para tangenciar uma humilhação a si mesmo, possui uma pureza e ingenuidade e uma confusão com suas virtudes. Além de herdar toda a fortuna de Quincas Borba, também herda o Humanitismo, filosofia que provoca uma reflexão sobre o mundo, invertendo a lógica das categorias fixas de bem/mal, virtude/vício. Dessa maneira, pode-se perceber essas dualidades em Rubião logo no início do romance:

⁴ Apesar de essa não ser a teoria privilegiada por nossa análise, é indispensável lembrar que os textos machadianos contemplam as reflexões de Bakhtin, principalmente no que diz respeito à carnavalização e a paródia; portanto, se faz necessária aqui a explicação acerca do conceito de carnavalização. Fiorin (2006, p.90), em seus estudos bakhtinianos, explica que a carnavalização é a transposição do espírito carnavalesco para a literatura e outras artes. Segundo o estudioso, essa percepção carnavalesca coloca a palavra numa relação particular com a realidade. Tudo é visto numa relatividade alegre. Essa literatura carnalizada ocupa-se do presente e não do passado mítico; [...]. Nela, a palavra não representa; é representada e, por isso, é sempre bivocal. Mesclam-se dialetos, jargões, vozes, estilos.

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis

Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça... Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... (ASSIS, 2012, p. 25)

Conforme a ensaísta, Rubião tem aspectos morais e psíquicos anormais, desdobramentos de personalidade, imaginação desenfreada, sonhos incomuns e paixões que o levam à loucura. Esses fenômenos, na sátira menipeia, vão adquirir um caráter formal. Na menipeia, de acordo com a autora, os sonhos, delírios e loucura destroem a integridade trágica do homem e de seu destino.

Riedel (1982) lembra que Bakhtin discorre acerca dos sonhos na sátira menipeia, dizendo que são proféticos, e trazem ao homem uma iniciação, que não faz ele sair do seu destino nem de seu caráter, e também mantém sua integridade. Rubião é uma personagem que tem características comuns à menipeia:

Meu Deus! como é bonita! Sinto-me capaz de fazer um escândalo!- pensava Rubião, à noite, ao canto de uma janela, de costas para fora, olhando para Sofia, que olhava para ele. Meu Deus! como é bonita! Sinto-me capaz de fazer um escândalo! – continuava a pensar o Rubião, encostado à janela, de costas para fora, com os olhos esquecidos na bela dama, que olhava para ele (ASSIS, 2012, p. 63).

Assim, conforme a ensaísta, na menipeia essas novas características literárias, escandaloso e excêntrico, aparecem. Quincas Borba, ao enlouquecer, tem sua integridade afetada deixando de coincidir consigo mesmo. O sistema de Quincas Borba, de acordo com Riedel (1982), “retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade e enche de imensa glória o nosso país” (RIEDEL, 1982, p. 399):

A carnavalização aí representa a realidade cotidiana contemporânea, sem distância épica ou trágica. A ‘falação’ do mineiro é um misto de idealismo e humor, que desmascara as glórias nacionais, numa época de conquistas científicas e políticas decisivas na evolução da pátria brasileira. Como na menipeia, o discurso de Quincas Borba está engajado no dia-a-dia, é uma espécie de enciclopédia às avessas do seu tempo, em que o humor abre dúvida polêmica com as tendências da filosofia, da religião, da ciência contemporâneas.

A citação acima nos permite estabelecer as relações de sentido com a Teoria do Humanitismo, justamente pela maneira como Machado de Assis ironiza a evolução das espécies e a fraqueza humana. Já em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), ele apresenta uma crítica em relação às ciências, não por negar o cientificismo, mas por considerar que a ciência não seja suficiente para resolver os problemas da humanidade. Cético, Machado não nega absolutamente tudo, pois acredita na literatura. É possível notar, ainda, que no capítulo cento e cinquenta e sete das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), o narrador ironiza não apenas a ciência, por meio da Teoria do Humanitismo, mas todas as verdades absolutas defendidas também pelas crenças religiosas:



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

-Vai, se queres- disse-me este-, mas temporariamente. Eu trato de anexar à minha filosofia uma parte dogmática e litúrgica. O Humanitismo há de ser também uma religião, a do futuro, a única verdadeira. O Cristianismo é bom para as mulheres e os mendigos, e as outras religiões não valem mais do que essa: orçam todas pela mesma vulgaridade ou fraqueza... (ASSIS, 2012, p. 186).

Riedel (1982) ressalta que Bakhtin estuda a paródia como um elemento inerente à sátira menipeia e que todos os gêneros são marcados pela influência do carnaval. Na antiguidade, a paródia⁵ estava ligada à sensibilidade carnavalesca. “Parodiar é criar um duplo descoroamento, e o próprio mundo às avessas. Por isso, a paródia é ambivalente” (RIEDEL, 1982. p. 399).

Para a autora, o texto de Machado de Assis é quase sempre baseado na paródia. E tem um narrador ambíguo que nega o conflito de duas vezes. Assim, fica ambivalente entre a paródia e a estilização:

Parodiam-se tipos sociais e caracteres individuais, históricos ou literários; personagens parodiam personagens; personagens se parodiam a si próprios; operam-se paródias de paródias; sistemas parodiam sistemas; doutrinas parodiam doutrinas(...) Rubião parodia Quincas Borba, que parodia Santo Agostinho, a quem elegera sua metáfora. Sofia parodia Rubião em seu devaneio. E ambos, num jogo de espelhos, são paródias indiscretas de D. Quixote e Sancho Pança. Rubião parodia canhestamente Napoleão I e Napoleão III (RIEDEL, 1982. p. 399).

Segundo Riedel (1982), Rubião procura ser uma metáfora de seu mestre Quincas Borba. Como um bom representante carnavalesco, Rubião vivia em contrário consigo mesmo, reunindo em si dois elementos: alto-baixo, afirmação-negação, sandice-razão. Ele conseguia ser dois, e não se misturava à pessoa de Napoleão. Quando era Rubião era só um homem de costume:

Rubião suspirou, cruzou as pernas, e bateu com as borlas de chambre, sobre os joelhos. Sentia que não era inteiramente feliz; mas sentia também que não estava longe a felicidade completa. Recompunha de cabeça uns modos, uns olhos, uns requebros sem explicação, a não ser esta, que ela o amava, e que o amava muito. Não era velho; ia fazer quarenta e um anos; e, rigorosamente, parecia menos. Esta observação foi acompanhada de um gesto; passou a mão pelo queixo, barbeado todos os dias, coisa que não fazia dantes, por economia e desnecessidade. Um simples professor! (ASSIS, 2012, p. 26-27).

Quando era o imperador, era só o imperador, equilibrando um sem o outro:

⁵ Conforme Riedel (1982), os textos machadianos quase sempre manifestam o discurso paródico, por isso faz-se necessário a explicação também acerca deste conceito. De acordo com Fiorin (2006), a paródia é imitação de um texto ou de um estilo que procura desqualificar, por meio da ironia e de um discurso ambivalente, o que está sendo imitado, ridicularizando-o, negando-o. Dessa forma, o romance *Quincas Borba* (1891) parodia o cientificismo e o positivismo pela Teoria do Humanitismo.

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis

Ficando só, Rubião atirou-se a uma poltrona, e viu passar muitas coisas suntuosas. Estava em Biarritz ou Compiégne, não se sabe bem; Compiégne, parece. Governou um grande Estado, ouviu ministros e embaixadores, dançou, jantou – e assim outras ações narradas em correspondências de jornais, que lera e ficaram de memória. Nem os ganidos de Quincas Borba logravam espertá-lo. Estava longe e alto. Compiégne era no caminho da lua. Em marcha para a lua! (ASSIS, 2012, p.206)

Rubião-Napoleão, quando era coroado, metaforiza e parodia Sofia-Eugênia, imperatriz. Porém, esse casal não passa de mera ilusão de Rubião, pois Sofia não participa de seu devaneio, não se coroa e nem se sente sua imperatriz. Segundo a ensaísta, enquanto Rubião se coroa, Sofia se descoroa. Para Rubião-Napoleão, o par imaginário está baseado em um amor inesquecível, tanto que parodia o imperador Napoleão e sua mulher Eugênia:

A noite era clara; fiquei cerca de uma hora, entre o mar e a sua casa. A senhora aposto que nem sonhava comigo? Entretanto, eu quase que me ouvia a sua respiração. O mar batia com força, é verdade, mas meu coração não batia menos rijamente; com esta diferença que o mar é estúpido, bate sem saber por quê, e o meu coração sabe que batia pela senhora.

Sofia teve um calafrio, procurou esquecer o texto, mas o texto ia-se repetindo: A noite era clara... (ASSIS, 2012, p. 117- 118).

O marido de Sofia, Cristiano Palha, seria o embaixador ou senador do delírio de Rubião, o qual, segundo a ensaísta, era construído por meio de um delírio da linguagem *Kitsch*:

Vou nomeá-lo embaixador- disse Rubião- Ou senador, se quiser. Senador é melhor; ficam dois anos aqui. Embaixador que fosse, não consentiria que tu o acompanhasses, e as más línguas... Tu sabes a oposição que sofre, as calúnias... (ASSIS, 2012, p. 214).

De acordo com Riedel (1982), é no próprio cotidiano de Rubião que se manifestam as características carnavalescas. Essa visão carnavalesca é romantizada pela maneira como a personagem enxerga o mundo. Assim, a ensaísta ressalta que:

Uma carnavalização de aspecto exterior, como uma visão romantizada que o personagem tem do mundo, já que o personagem machadiano não participa de um bloco, como voz das ideias do autor, mas tem a sua própria e o mundo é visto pela significação que ele, personagem, lhe dá. É a fachada da nobreza, a régia pompa que o ricoço, já então bastante endividado, parodia, nos seus jantares diários (RIEDEL, 1982. p. 407).

Essas oposições mostram que Rubião, mesmo em sua loucura, conseguia enxergar a podridão dos capitalistas com os quais convivia; percebe que Sofia se interessava por Carlos Maria, e isso agravava ainda mais o seu processo de loucura. Sofia, por mais que estivesse apta ao jogo de interesses da sociedade, não conseguia fugir do desejo de se relacionar com Carlos Maria.



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

Assim, pode-se dizer que a loucura serve como iluminação para demonstrar os problemas da sociedade capitalista e interesseira. Machado de Assis cria, no romance, a Teoria do Humanitismo, que associada à loucura, forma o par perfeito para a representação crítica de uma sociedade burguesa capitalista e mercantil em emergência no Brasil do século XIX, em que os limites da razão e da arrogância do homem são mascarados na construção do ser social, que engloba tudo numa sensação de propriedade; o narrador machadiano define o capitalista como aquele que vê o mundo pela ótica da propriedade, pela de vencedores e vencidos.

Segundo Teixeira (1988), em *Quincas Borba* (1988), foi expressado um dos maiores anseios artísticos de Machado de Assis, a representação da loucura. Dessa forma, esse estado da mente simboliza a ascensão da moral, ultrapassando todos os limites da lógica do homem, em que estar no perfeito juízo é digno de desgosto. Machado materializa no romance, os dois lados da loucura: “as glórias da soberania moral e a derrota do banimento e da solidão” (TEIXEIRA, 1988, p. 113).

A loucura representa o elemento essencial para retratar uma visão crítica da sociedade. Por isso, as características das personagens são essenciais como objeto crítico, pois elas têm a função de provocar sensações nos leitores; provocam o sentimento de adesão, ou repugnância. Dessa maneira, a loucura é utilizada como um elemento de evasão da realidade em que as personagens estão inseridas.

No desenrolar do romance, Rubião passa por um processo de deterioração mental ao viver nessa sociedade burguesa capitalista, na qual não conseguia se encaixar. Em uma sociedade baseada no positivo e no liberalismo econômico, a loucura, dentro do romance, serve como um elemento de “iluminação” de ideias. Na narrativa, a única personagem que não está interessada no jogo de poder é o cachorro Quincas Borba. Ao criar uma lei que as batatas são somente dos vencedores, só restam os valores humanos da ética e do sentimento, que somente os cães conseguem compreender.

As características que são atribuídas à loucura desse mundo em transformação, em outras épocas, foram associadas à sabedoria. Os romances de segunda fase, de Machado de Assis revelam uma temática de questionamentos e críticas à sociedade burguesa mercantil. Esses elementos estruturais da sociedade da época vão ser fundamentais para a caracterização de confusão mental e fuga da realidade das personagens Rubião e Sofia.

Dessa forma, Machado encontra na loucura uma maneira de expressar o que o filósofo Quincas Borba sempre tentou dizer, apesar de ser considerado um louco. O discurso da Teoria do Humanitismo é extremamente irônico e, machadianamente, atual, pois sabemos que os homens pensam e agem exatamente dessa forma, são interesseiros, inescrupulosos e não medem as consequências para conseguir o que desejam, quanto mais poder e dinheiro, melhor se vive diante dessa sociedade; provavelmente, a teoria da equivalência das janelas nunca fora tão empregada quanto contemporaneamente.

Para Sá (1989), o romance *Quincas Borba* (1891) provoca no leitor o riso ou as lágrimas, porém acabam por prevalecer as lágrimas, pois o leitor consciente tem, infelizmente, a certeza de que no mundo há muito mais Sofias e Palhas, dominados pela aparência e interesse, por isso, para nós, prevalecem as lágrimas.

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis

A loucura é inserida como uma forma de escape da realidade pelo personagem Rubião, mas ela tem uma função mais complexa no livro, pois vai além da fuga da realidade. No início do romance, já se percebe a fragmentação da personagem Rubião. O narrador descreve o conflito interno de Rubião ao herdar a fortuna de seu amigo Quincas Borba, conforme representado nessa passagem:

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha...- Bonita canoa!- Antes assim!- Como obedece bem os remos do homem!- O certo é que eles estão no céu! (ASSIS, 2012, p. 25)

Ao longo da história, percebe-se que Rubião vai perdendo sua capacidade de compreensão e controle que tinha no início do romance. Vai perdendo também a conduta moral e ética. Nota-se, que se Quincas Borba tivesse tido um filho ou tivesse se casado com Piedade, Rubião nunca seria herdeiro. A personagem tem plena consciência disso. A ironia presente no capítulo acima, é que o coração tinha desejos de ganho e o espírito associa-se à ética e a moral, revelando um Rubião mesquinho, desejando a morte de Piedade, sua irmã, e o não casamento de Quincas Borba. Dessa forma, ao descobrir que para sua riqueza material acontecer Quincas Borba e Piedade teriam que morrer, Rubião começa a compreender a teoria dos Humanitas.

Após receber a herança de Quincas Borba e se mudar de Barbacena para o Rio de Janeiro, Rubião encontra-se confuso. Então, há um outro processo de fragmentação da personagem. Dessa maneira, Rubião fica dividido entre o homem pobre do interior e o homem rico da cidade grande, cheio de desejos capitalistas. O Rubião rico e da cidade grande é ambicioso e egoísta, já o seu outro eu em conflito, o Rubião da cidade do interior, é humilde e bondoso.

A fantasia e desvario de Rubião começam pela paixão por Sofia. Ele fica cego por Sofia ser casada, iniciando o processo de deterioração mental. O homem bom e dedicado da cidade do interior, passa a ser o homem que não vê nenhum problema no adultério, lembrando que a lei da equivalência das janelas é utilizada por Quincas Borba para tratar de questões de ordem moral. Aqui, Rubião, assim como Brás Cubas, queria convencer-se de que ultrapassar o plano moral estabelecido, ter um caso amoroso com uma mulher casada, é sempre algo que pode ser compensado, fecha-se uma janela, isto é, passa-se por cima da moral, enquanto se abre outra, a dos prazeres terrenos. A janela, neste caso, é usada para passar de um plano a outro criando a imagem da leveza, da irresponsabilidade e da superficialidade das relações. Desse modo, não há nenhuma coincidência em Rubião conhecer o casal Palha na viagem de trem para o Rio de Janeiro, pois é nesta viagem que Rubião corta os laços com sua antiga vida.

Sofia percebe que sua beleza chama a atenção de Rubião e começa a usá-la para seduzi-lo. Sofia é utilizada como objeto e isca de seu próprio marido, ela deixa Palha usá-la conscientemente, por vaidade e ambição. A paixão de Rubião por Sofia divide-o em duas almas, a de vencedor e a de vencido, buscando sua



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

felicidade ou fusão. Esse desejo de Rubião, de ter uma paixão além dos laços sociais do matrimônio, vai representar uma evasão da realidade, pois para tal fato acontecer, a personagem teria que estar em outra espécie de fragmentação, para a qual ele não está preparado. Essa fragmentação representaria saber jogar o jogo de casamento de interesses, o qual Sofia e Palha estavam bem preparados para jogar, mas Rubião não.

O desejo de Rubião de se adaptar à sociedade estabelecida em interesses pessoais, vira um fracasso, pois Sofia não corresponde a seus desejos. Em vez de Rubião manipular e usar Sofia com seus bens econômicos e pessoais, para o seu prazer, ele torna esse desejo em um amor platônico, no qual nem ele mesmo consegue encaixar-se. Sofia também carrega um desejo de amor platônico, sonhando com o mesmo tipo de fuga de Rubião, só que na figura de Carlos Maria.

Apesar de Rubião e Sofia terem o desejo de escape, esses dois vão agir de maneiras completamente diferentes. Rubião não consegue jogar o jogo de mentiras, já Sofia consegue equilibrar os desejos do marido com seus desejos pessoais, para que um não sobressaia ao outro. Rubião não tem esse poder de fragmentação de sua alma sem perder-se, por isso enlouquece. Diferentemente de Sofia, que só aprende mais ainda o jogo de mascarados da sociedade, conseguindo subir de status social e econômico.

A personagem Cristiano Palha faz jus ao nome, pois não passa de fogo ativo. A personagem só está preocupada com os bens materiais da vida. Palha faz o que for preciso para conseguir ascensão social, usa sua esposa Sofia para seduzir e enganar seu “amigo” Rubião até deixá-lo louco e pobre. Para Teixeira (1988), Cristiano Palha e Sofia eram os juízes de Rubião, pois tudo que a personagem fazia dependia da aprovação deles:

Mais que juízes, foram a medida de suas realizações e não quiseram entender isso. Não souberam ser retos nem generosos. A saída, então, foi alhear-se a esse mundo que jamais o aprovaria. Preferiu, com acerto, as grandezas da loucura. Ela livrou-o do amargo veredito dos fatores (TEIXEIRA, 1988, p. 114).

Na passagem a seguir, pode-se dizer que começa o processo de “venda” dos pertences de Rubião, assim como a venda de sua alma ao Palha:

Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher escolheria a bandeja – primor da argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena... (ASSIS, 2012, p. 26).

Dessa maneira, vê-se a separação entre o coração e a posição social, resultando na queda de Rubião. O coração que antes era visto como egoísta e estava em oposição ao espírito, volta a se associar ao passado, um pouco mais ingênuo. Assim, começa a surgir um conflito interno na personagem Rubião, sobre a

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis maneira que imagina cumprir seu papel na sociedade. De um lado tem-se o Rubião consciente dos valores de pobre em Barbacena e, por outro lado, tem-se a ambição em grande escala:

Queria ver Barbacena. Barbacena era a primeira terra do mundo. Durante alguns minutos, Rubião pode subtrair-se à ação dos outros. Tinha a terra natal em si mesmo; ambições, vaidades da rua, prazeres efêmeros, tudo cedia ao mineiro saudoso da província. Se a alma dele foi alguma vez dissimulada, e escutou a voz do interesse, agora era a simples alma de um homem arrependido do gozo, e mal acomodado na própria riqueza (ASSIS, 2012, p. 96).

Devido ao processo de retardamento do progresso científico e econômico no Brasil, a sociedade não teve um processo de transição ao lidar com os problemas relacionados à saúde mental. Dessa forma, Machado de Assis apresenta na obra *Quincas Borba* (1891) a trajetória da loucura de Rubião caminhando para o delírio e uma separação da realidade, trazendo assim, uma crítica à razão. A morte da personagem central e do que dá nome ao livro provam que a loucura não aparece como solução dos problemas e nem como algo negativo, ela representa o mundo interior e mesquinho do homem e da sociedade em que vive. Dessa forma, os loucos no romance não são condenados, mas os mesquinhos como Palha e Sofia são condenados pelos seus próprios sentimentos.

As personagens Sofia e Rubião têm comportamentos psicológicos diferentes em meio à sociedade. A loucura do filósofo Quincas Borba se desenvolve para fazer uma sátira aos valores positivistas. Rubião, não só herda a fortuna, como a loucura do amigo. Essa loucura herdada é sem valores e é desenvolvida por meio da ingenuidade e imbecilidade da personagem de jogar o jogo de valores. Já Sofia, é uma personagem ambígua, pois ela sabe jogar o jogo, mas ao mesmo tempo, deseja outra coisa, pois é insatisfeita com que representa para o marido. Assim, Machado de Assis consegue, por meio das personagens, principalmente Rubião, demonstrar a loucura e o mal-estar da sociedade moderna brasileira em meio aos processos psicológicos dos indivíduos.

Rubião, em sua trajetória, nunca está totalmente à vontade no meio das pessoas. Ele vive à margens do mundo social. Não consegue compreender os negócios, assina papéis, jornais e revistas sem ao menos lê-los, doa dinheiro sem pensar, almoça com pessoas que nem conhece, só para não ficar sozinho em casa. Assim, ele vive em confronto com o ambiente que está situado. E sua paixão por Sofia acaba deteriorando sua mente e impedindo-o de ter relações amorosas com outras pessoas. Em Barbacena, antes de se tornar o herdeiro de Quincas Borba, sua vida não lhe trazia tantos vícios e desejos proibidos. Mas na cidade do Rio de Janeiro, vive sem religião e sem padrão moral, o único padrão que lhe resta é o da fortuna.

Machado de Assis apresenta magnificamente todos os elementos de degradação da alma de Rubião. A loucura vai ser retratada como um desmascaramento, como um mal-estar da civilização, como uma ironia das relações humanas, como um fragmento interior da mente. Rubião enlouquece após conviver em uma sociedade corrupta, interesseira, ambiciosa, vaidosa, inescrupulosa, que o atrai a cair nas tentações de desejo e egoísmo. Como foi dito anteriormente, Rubião não estabelece nenhuma relação de amizade sem ser a base de interesses. O



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

cachorro, Quincas Borba, é o único que permanece ao seu lado após perder toda a fortuna e a razão.

Como já foi revelado anteriormente, Sofia e Rubião têm processos de escape da realidade, mas isso ocorre de maneiras diferentes. Sofia deseja uma paixão fora do casamento que nunca tem coragem de concretizar. Seu processo de fragmentação mental começa quando ela comenta com o marido Palha sobre a conquista de bens. Assim, ela sente prazer em entrar no jogo de sedução para atingir seus objetivos:

E aqui façamos justiça à nossa dama. A princípio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista, para receio e estímulo dos outros. Não a façamos mais santa do que é, nem menos. Para as despesas de vaidade, bastavam-lhe os olhos, que eram ridentes, inquietos, convidativos, e só convidativos, podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria em que não houvesse cômodos para hóspedes. A lanterna fazia parar toda a gente, tal era a lindeza da cor, e a originalidade dos emblemas; parava, olhava e andava. Para que escancarar as janelas? Escancarou-as, finalmente; mas a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada (ASSIS, 2012, p. 62).

Sofia representa a mulher usada como isca pelo marido, vista como um troféu para a ascensão social. Sofia passa a seduzir e ser seduzida, mas isso fica apenas na sedução, não é concretizado. Porém, no seu processo psíquico, luta uma batalha consigo mesma, procurando um lugar no mundo onde não seja adaptada. Sofia, dominava a arte da dissimulação e do jogo de interesses. Sente prazer ao imaginar um possível encontro amoroso com Carlos Maria, porém, consegue enganar a todos, menos Rubião, que mesmo em meio à sua loucura consegue perceber a paixão de Sofia por Carlos Maria. Assim, Rubião vai enlouquecendo, principalmente, por nunca ter conseguido receber o amor de Sofia. Morre vencendo o nada, mas compreendendo todo o jogo de ambição dos seus “amigos”:

Angélica, animada por tantas pessoas, tomou-lhe o pulso, e achou-o febril. Mandou vir o médico – o mesmo que tratara o finado Quincas Borba. Rubião conheceu-o também, e respondeu-lhe que não era nada. Capturara o rei da Prússia, não sabendo ainda se o mandaria fuzilar ou não; era certo, porém, que exigiria uma indenização pecuniária enorme – cinco bilhões de francos.

- Ao vencedor, as batatas! – concluiu rindo (ASSIS, 2012, p. 262-263).

Dessa maneira, concluímos que a loucura é elemento essencial dentro da obra *Quincas Borba* (1891). Além de fragmentar a alma das personagens, evidenciando-se o ser dividido, principalmente Rubião, a loucura funciona como uma maneira de escapar da realidade. Assim, por meio dos processos da loucura, aliados à Teoria do Humanitismo, Machado de Assis consegue mostrar todas as manifestações sociais, como a ambição, vaidade, poder, dissimulação, jogo de interesses, em que só há duas saídas: a frieza e despreocupação, como a das personagens Palha e Sofia, ou a morte triste e solitária como a de Rubião.

5 Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar os efeitos de sentido criados pelo discurso machadiano, na obra *Quincas Borba* (1891), evidenciando-se a construção do triângulo Rubião, Sofia e Cristiano Palha, personagens que estruturam e dão vida ao enredo, através de um discurso que não apenas mostra a crítica social contida na obra por meio da teoria do Humanitismo, como também revela o limite tênue entre razão e sandice. Estudamos também, a produção do autor Machado de Assis, tendo em vista sua relação com o Realismo brasileiro, observando-se, ainda, os temas centrais de sua obra, principalmente da fase madura, bem como seu singular fazer literário que não permite que o autor seja vinculado à essa, ou àquela escola literária, dado o caráter moderno e atemporal de sua obra, portanto, sua contextualização é mais de ordem didática.

Dessa maneira, esta pesquisa iniciou-se com uma apresentação sobre o autor, destacando suas produções, o seu discurso crítico, célebre, moderno e atemporal para criar suas histórias fascinantes e envolventes. Também foi retratada a maneira como as relações da trama envolvem aspectos psicológicos, sociais, políticos e culturais, criando, assim, sua originalidade e sucesso.

Em relação à obra *Quincas Borba* (1891) retratamos sobre seu enredo, que conta a história de Rubião, um ex-professor de Barbacena, que herda toda a fortuna de seu amigo Quincas Borba e decide mudar-se para o Rio de Janeiro. Na viagem, conhece Cristiano de Almeida e Palha e sua belíssima esposa, Sofia. Rubião, sendo enganado pela inocência, deixa-se guiar pelo casal, que o leva à pobreza e à loucura.

Abordamos também sobre os temas da transformação do homem em objeto do próprio homem, a reificação ou coisificação da condição humana. Esses temas são abordados na Teoria do Humanitismo, na qual Machado de Assis faz uma crítica ao positivismo e cientificismo da época, destacando-se que a ciência não dá conta de explicar a condição humana em toda sua complexidade. A filosofia de *Quincas Borba* faz referência ao processo de seleção de Charles Darwin sobre a luta pela sobrevivência do mais apto, fato que ocorre com Rubião, que torna-se uma vítima da sociedade burguesa e capitalista, deixando-se enganar pelo casal Palha. Esta Teoria do Humanitismo, é resumida a uma frase síntese: “Ao vencedor, as batatas! (ASSIS, 2012, p. 32), provando que quem tem dinheiro e poder, sempre tem a vitória.

Por fim, concluímos com uma análise das personagens Rubião, Sofia e Palha, em que a loucura é o elemento fundamental, principalmente na personagem Rubião. Ela vai ser utilizada como objeto de iluminação de uma sociedade cega por dinheiro, poder, vaidade, ambição. Além disso, Machado Assis relaciona essa loucura com a teoria do humanitismo, fazendo uma crítica à sociedade moderna burguesa capitalista daquela época, em que o eu-social tem que, a todo momento, jogar conforme as regras, do contrário, é engolido por esse meio, como ocorre com Rubião.

Consideramos um grande desafio trabalhar com esse esplêndido autor, Machado de Assis e com esse belíssimo romance, *Quincas Borba* (1891). Machado foi e, ainda é, o principal escritor da literatura brasileira e um dos principais da literatura mundial. Dono de um caráter moderno, inovador, único, não comporta,



FRESSATTI, L. M.; SILVA, M.R.; IVAN, M. E. S.

conforme atestamos, vinculações a esse ou aquele movimento literário, sendo um dos autores mais estudados nas universidades brasileiras e internacionais. Acreditamos que sempre restará muito para ser desvendado e refletido sobre sua obra, pois não há melhor dissecador da alma humana em nosso contexto.

Dessa forma, concluímos a extrema importância dos textos machadianos, que mesmo sendo escritos há mais de cem anos, ainda continuam incomodando e provocando o leitor, tornando-o assim, atemporal. Justamente por isso, fomos motivadas pelo desejo de estudar Machado de Assis e seu romance *Quincas Borba* (1891) por retratar todas as mazelas da sociedade e do homem, com um estilo único, intrigante e inconfundível, que nos deixou encantadas e profundamente incomodadas, fazendo-nos ir além da leitura, para compreender os seus sentidos e símbolos, provocando reflexões marcadas para sempre em nossa memória.

Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

_____. *Quincas Borba*. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CANDIDO, A.; CASTELLO, J. *Presença da literatura brasileira: das origens ao realismo*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 460 p.

CARVALHO, Isadora Grevan. A retórica da loucura em *Quincas Borba*. *Brasiliana-Journal for Brazilian Studies*. Vol. 4, n.1 (Aug, 2015). Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/20669>. Acesso em: 6 maio. 2020.

CASTRO, Maria da Conceição. *Língua e literatura*. São Paulo: Saraiva, 1993.

FACIOLI, Valentim. Várias histórias para um homem célebre. In: _____. BOSI, A. et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982, p. 9-59.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006, p. 18-59; 89-114.

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E CRÍTICA SOCIAL: a construção das personagens Rubião, Sofia e Cristiano Palha em *Quincas Borba*, de Machado de Assis
FISCHER, Luís Augusto. *Machado e Borges e outros ensaios sobre Machado de Assis*. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.

GANCHHO, Cândida Vilares. Elementos da narrativa. In: _____. *Como analisar narrativas*. 7ed. São Paulo: Ática, 2003.

NICÁCIO, Priscila Tenório Santana. *A equivalência das janelas em Memórias póstumas de Brás Cubas*. 2017. Tese (Letras e Linguística: Estudos Literários). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

RIEDEL, Dirce Côrtes. Razão contra sandice. In: _____. BOSI, A. et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982, p. 397-410.

ROSENFELD, Anatol et al. *A personagem de ficção*. 10 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

SÁ Rego, Enylton José de. *O calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

TEIXEIRA, Ivan. *Apresentação de Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VERÌSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 5. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1969.